

OS CORETOS DE FERRO DOS SÉCULOS XIX E XX EM BELÉM (PA):

TRANSFORMAÇÕES E RECONHECIMENTO DE
SIGNIFICADOS E VALORES

THAINÁ THAIS SILVA OLIVEIRA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, BELÉM,
PARÁ, BRASIL

Arquiteta e urbanista. Mestra em Ciências do Patrimônio Cultural pela Universidade
Federal do Pará (PPGPatri/UFPA).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4973-1723>

E-mail: thainatsoliveira@gmail.com

FLÁVIA OLEGÁRIO PALÁCIOS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, BELÉM,
PARÁ, BRASIL

Arquiteta e urbanista. Mestra em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da
Bahia (UFBA). Doutora em Ciências pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente
na Faculdade de Conservação e Restauro (FACORE), no Programa de Pós-Graduação
em Ciências do Patrimônio Cultural (PPGPatri) e no Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da UFPA. Pesquisadora no Laboratório de
Conservação, Restauração e Reabilitação (LACORE/UFPA).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2818-2507>

E-mail: flaviaop@ufpa.br

DOI

<http://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v18i35p140-172>

RECEBIDO

27/09/2022

APROVADO

24/04/2023

OS CORETOS DE FERRO DOS SÉCULOS XIX E XX EM BELÉM (PA): TRANSFORMAÇÕES E RECONHECIMENTO DE SIGNIFICADOS E VALORES

THAINÁ THAIS SILVA OLIVEIRA, FLÁVIA OLEGÁRIO PALÁCIOS

RESUMO

Entre o final do século XIX e início do XX, diversos coretos de ferro foram importados da Europa para Belém (PA) em meio à prosperidade econômica proporcionada pelo ciclo da borracha. Oito desses edifícios permaneceram na cidade, enfrentando problemas de preservação resultantes de ações antrópicas e do intemperismo local e passando por transformações de várias naturezas – em períodos passados e recentes. Concomitantemente, tornaram-se patrimônio cultural, comunicando vários significados e valores para a população. O objetivo deste artigo é traçar as transformações e permanências, desde a importação aos dias atuais, e realizar a reflexão teórica sobre esses processos a fim de subsidiar a conservação dos coretos de ferro. A abordagem metodológica consistiu em duas etapas: 1) pesquisa histórico-documental e iconográfica; 2) pesquisa de público por meio de questionários aplicados presencialmente e *on-line*. A pesquisa reafirmou a significância cultural e identificou os valores patrimoniais dessas edificações. Os dados obtidos também indicaram a limitada aplicação e pertinência dos princípios teóricos na preservação desses bens culturais. Esses resultados serão úteis para auxiliar as intervenções futuras a serem mais adequadas às demandas da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE

Patrimônio industrial. Construções metálicas. Mobiliário urbano.

IRON BANDSTANDS FROM THE 19TH AND 20TH CENTURIES IN BELÉM (PA): TRANSFORMATIONS AND RECOGNITION OF MEANINGS AND VALUES

THAINÁ THAIS SILVA OLIVEIRA, FLÁVIA OLEGÁRIO PALÁCIOS

ABSTRACT

Between the late 19th and the beginning of the 20th century, several iron bandstands were imported from Europe to Belém (PA) amid the economic prosperity generated by the rubber cycle. Eight of these buildings have remained in the city facing preservation problems caused by anthropic and weathering action and going through different kinds of transformations - in past and recent periods. Simultaneously, they have become cultural heritage, communicating many meanings and values to people. This paper aims to delineate the transformations and continuities, from the importation to the current days, and conduct a theoretical reflection on these processes in order to subsidize the conservation of the iron bandstands. The methodological approach consisted of two steps: 1) historical-documental and iconographical study; 2) public research through forms applied on-site and online. This study reaffirmed the cultural significance and identified the heritage values of these buildings. The data obtained also indicated the limited application and relevance of the theoretical principles in the preservation of these cultural objects. These results are going to be useful to aid future interventions in being more suitable to society's requirements.

KEYWORDS

Industrial heritage. Metal buildings. Street furniture.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos XIX e XX, vários países europeus produziram e exportaram grandes quantidades e variedades de produtos arquitetônicos metálicos, incluindo edifícios inteiramente em ferro. A ampla utilização do metal foi resultado de uma sequência de eventos iniciados na Europa, como a Primeira Revolução Industrial, e os avanços da indústria do ferro a partir do século XVIII (SILVA, 1986). Como consequência, o material passou a estar disponível para produção em larga escala e a um menor custo comparado aos materiais tradicionais (DOBRASZCZYK, 2012).

O ferro foi aplicado gradativamente na arquitetura, tornando-se o principal material de edifícios parcial ou totalmente pré-fabricados a partir de 1840 – quando também passou a ser exportado para outros continentes (LISTER, 1960; SILVA, 1986). O uso em larga escala durou mais de um século, diminuindo consideravelmente após a Primeira Guerra Mundial, mas deixando um importante legado para a industrialização na construção. Edificações desse período e com essas características são denominadas “arquitetura do ferro”, se o ferro, além de desempenhar funções estruturais e construtivas gerais, também for o meio de expressão estética preponderante e em exposição (HIGGS, 1970; SILVA, 1986; KÜHL, 1998).

Esse tipo de arquitetura foi, predominantemente, uma resposta à demanda de novos programas arquitetônicos, como fábricas e estações ferroviárias.

Mas também se desenvolveu em tipologias já conhecidas, a exemplo de mercados, chalés e coretos (SILVA, 1986; GOMES, 1995). O emprego do material também se estendeu à fabricação de mobiliário urbano, conjunto de elementos cujo propósito era melhorar a qualidade de vida nas áreas urbanas. Nesse contexto, os coretos se tornaram componentes essenciais para os jardins e parques públicos em alguns países europeus (SOFFRITTI *et al.*, 2020).

A popularidade dos coretos, também chamados de pavilhões de música ou harmônicos, resultou dessa cadeia de acontecimentos. Embora já fossem estruturas conhecidas antes da era da industrialização, foram vastamente difundidas a partir de meados do século XIX. O êxito da arquitetura do ferro e o reconhecimento das suas qualidades favoráveis à criatividade de formas fez com que a liga metálica se tornasse a base dos padrões estéticos dessas pequenas edificações (GOMES, 1995; RACALBUTO, 2005).

Notavelmente, o coreto foi o tipo de edifício de ferro mais vendido pelo mundo no século XIX, fabricado especialmente para exportação. No Brasil, a maior parte dessas estruturas arquitetônicas, não somente os coretos, foi importada a partir de meados daquele século (GOMES, 1995). Em meio às cidades brasileiras, Belém (PA) possui o maior e mais significativo acervo de arquitetura do ferro do fim do século XIX e início do século XX (SILVA, 1986).

O período de transição entre séculos, também conhecido como *Belle Époque*, foi marcado pela influência da cultura europeia na capital paraense (COELHO, 2016). Concomitantemente, o estabelecimento do capital de empresas e instituições financeiras estrangeiras, em sua maioria inglesas, também caracterizaram o cenário local. Dessa forma, além de fortemente influenciada, Belém também estabelecia contato direto com esses países (KÜHL, 1998).

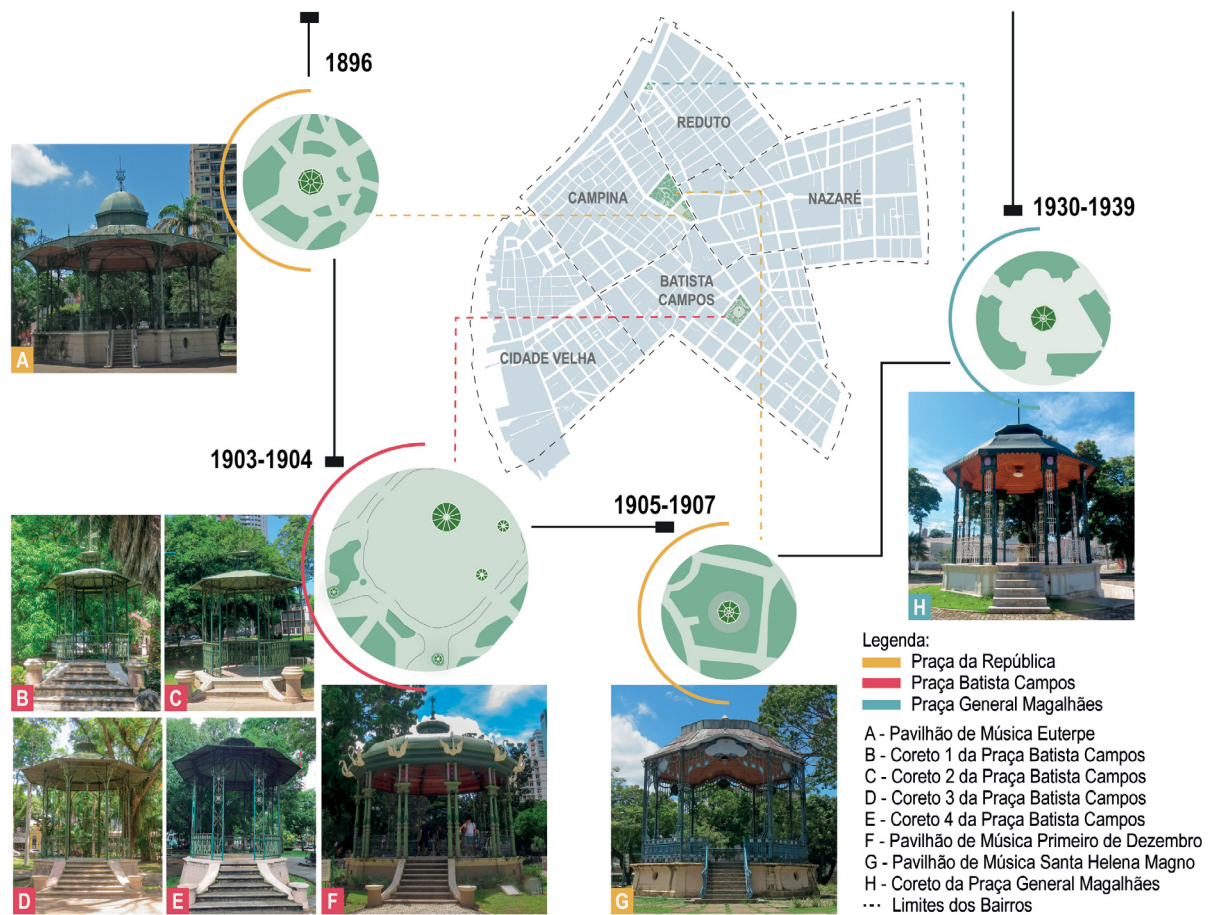
Da interação entre os continentes, resultaram transformações significativas, principalmente no que concerne ao reordenamento urbano. Essas mudanças foram possibilitadas pela economia próspera, baseada na exportação da borracha, cujo excedente foi investido no setor público. Os governos e grandes comerciantes foram os responsáveis por promover o intenso investimento na remodelação urbana. Com destaque, a atuação de Antônio Lemos – intendente de Belém de 1897 a 1910 – foi determinante nesse processo (SARGES, 2010; COELHO, 2016).

Lemos baseou a modernização da área central da cidade em modelos urbanísticos vindos da Europa, buscando implementar conforto, segurança e

renovação estética. Em particular, suas medidas enfatizaram a reforma e o embelezamento de praças para proporcionar lazer saudável à população – especificamente à elite da sociedade (SARGES, 2010). Para os parques, o intendente importou diversos elementos metálicos, incluindo vários coretos de ferro.

Entretanto, alguns desses coretos foram perdidos no curso da história, enquanto oito permaneceram na paisagem urbana. Os remanescentes estão situados dentro da área que corresponde ao centro histórico da cidade, em três locais: Praça da República – com o Pavilhão Euterpe, datado de 1896, e o Pavilhão Santa Helena Magno, construído durante os anos 1905 e 1907; Praça Batista Campos, com o Pavilhão Primeiro de Dezembro e coretos 1, 2, 3 e 4 instalados entre 1903 e 1904; Praça General Magalhães, com o coreto de mesmo nome construído por volta de 1930 (Figura 1).

Figura 1
Mapa esquemático da localização e linha do tempo da chegada dos coretos.
Fonte: elaborado pelas autoras.



Através dos anos, essas edificações obtiveram conotação cultural e se tornaram parte do patrimônio da industrialização (KÜHL, 2008). Apesar da importância para o acervo da arquitetura metálica de Belém, subsistem em meio a várias adversidades decorrentes dos processos de deterioração desencadeados pelo intemperismo amazônico, falta de manutenção adequada e ações antrópicas invasivas – aliadas ao desenvolvimento de uma investigação incompleta e pouco abrangente.

Consequência direta dos problemas descritos, existe uma série de modificações realizadas em resposta aos danos acumulados pelos processos de alteração que tomam forma de reformas ou intervenções. Assim, somam-se nos coretos mudanças em aspecto – inserções, subtrações ou substituições, variação de cores e marcas da passagem do tempo – e ambientação. Na mesma medida de importância, também ocorreram consideráveis transformações de utilização e de percepção de significados e valores.

Como bens culturais, várias questões derivam de suas mudanças através dos períodos e da sua compreensão atual pela sociedade. Dessa forma, o objetivo deste artigo é traçar as transformações e permanências ocorridas nos coretos de ferro dos séculos XIX e XX de Belém – desde a importação aos dias atuais e em aspectos físicos, de uso, significados e valores atribuídos – e realizar a reflexão sobre esses desenvolvimentos dentro das teorias da restauração de Riegl, Brandi, González Moreno-Navarro e Viñas, assim como das recomendações de documentos e acordos internacionais como subsídio de conservação.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa tem caráter descritivo, tendo como única variável (VOLPATO, 2011) a descrição das transformações e permanências percebidas nos coretos de ferro de Belém de meados do século XIX e início do XX aos dias atuais. A delimitação de suas mudanças através dos períodos formou a base da reflexão sobre as atitudes, posturas, tratamentos, usos e significados direcionados e atribuídos a essas edificações dentro dos princípios teóricos do campo da conservação e restauração.

Os objetos desse estudo são os oito coretos de ferro que ainda se encontram na cidade (conforme Figura 1). As transformações investigadas concernem às mudanças físicas (intervenções, descaracterização e variação

cromática) e de entorno, de usos e de significados e valores. As observações foram realizadas por meio de pesquisa iconográfica (em postais e álbuns da cidade) e de outras fontes primárias, como jornais, revistas, documentos e relatórios oficiais da intendência municipal, adotando o recorte temporal da segunda metade do século XIX até o presente momento.

A percepção da população sobre os coretos foi obtida por meio da aplicação de questionários de dois tipos (sem alteração no roteiro), entre outubro e novembro de 2021 e agosto e setembro de 2022. O tipo presencial foi realizado com os visitantes presentes nas Praças da República e Praça Batista Campos e o virtual utilizou questionários – distribuídos em aplicativos de mensagens – formulados no serviço de formulários da plataforma Google.

Não houve determinação do perfil dos participantes, configurando assim uma pesquisa não direcionada a nenhum grupo específico. As informações pessoais dos entrevistados foram coletadas nas primeiras perguntas dos questionários: nome (opcional), idade, profissão/ocupação e nível de escolaridade. Responderam às perguntas 174 pessoas entre 15 e 76 anos e de diferentes níveis de escolaridade e profissões.

Em seguida, os questionamentos foram voltados às edificações, relacionados à frequência de visita às praças e coretos, identificação de quais já foram visitados pelos entrevistados e as atividades já desenvolvidas ou observadas nesses espaços. A percepção do público foi obtida através de perguntas sobre a importância dos coretos para a paisagem da cidade, consideração (ou não) deles como patrimônio cultural – com justificativa –, quais valores atribuem a eles, medidas necessárias para sua preservação e comentários livres.

Por fim, os principais assuntos relacionados às transformações e à percepção social dos coretos foram relacionados com os princípios teóricos que regem o campo da preservação de bens culturais. Tanto questões conceituais quanto práticas foram analisadas, buscando compreender as especificidades dos coretos no que tange à sua arquitetura, materialidade, utilidade e significados coletivos.

3 PASSADO E PRESENTE: AS TRANSFORMAÇÕES DOS CORETOS DE FERRO DE BELÉM

A transmissão dos coretos de ferro aos dias atuais ocorreu de forma dinâmica, reunindo diversos tipos e portes de modificações. Possivelmente,

a mais drástica das mudanças foi a desmontagem. Esse foi o destino das quatro edificações metálicas encomendadas por Antônio Lemos em 1898 para serem montadas nos ângulos do antigo Largo de Nazaré, hoje Praça Justo Chermont (LEMOS, 1902). A ação foi justificada pela remodelação que havia sido planejada para a área em 1970 (ROCQUE, 1997). No caso do edifício da Cervejaria Paraense, reconhece-se a existência e perda do exemplar apenas em registros fotográficos dos jardins da companhia (Figura 2).

Figura 2

Os coretos de ferro perdidos. A: um dos coretos do Largo de Nazaré; B: Coreto da Cervejaria Paraense. Fontes: A: PARÁ, 19--; B: PARÁ, 1998.



Ainda assim, oito coretos permaneceram em três praças situadas na área central da cidade. Alguns receberam nomes específicos e outros são identificados pela praça a que pertencem. Em ordem cronológica

de chegada, temos (Figura 1): Pavilhão Euterpe da Praça da República, em 1896; coretos 1, 2, 3 e 4 e Pavilhão Primeiro de Dezembro da Praça Batista Campos, montados em 1903-1904; Pavilhão Santa Helena Magno da Praça da República, construído entre 1905 e 1907; Coreto da Praça General Magalhães, entre 1930 e 1939.

Desde a chegada à cidade, os pavilhões harmônicos foram mantidos e direta e intencionalmente modificados por ações planejadas ou não. Na primeira década do século XX, ou seja, nos primeiros anos dessas construções metálicas, as ações de manutenção e reparos dos exemplares já presentes em Belém são citadas nos relatórios do intendente Antônio Lemos. Os diferentes tipos de serviços e reformas tratados na seção de obras do município resultaram em diferentes níveis de transformações.

As medidas mais regulares eram lavagens e pinturas. Apesar de a limpeza ser frequente (semanal), a renovação de revestimento está à frente de todos os outros tipos de intervenções, sendo a mais mencionada (LEMOS, 1905; 1906; 1907; 1908; 1909; 1910). As descrições desses feitos podiam ser breves e generalistas, como essa, referente aos coretos da Praça Batista Campos em 1907: “Mandei proceder no terceiro trimestre à pintura geral de todos os pavilhões, bancos e cercados da arborização” (LEMOS, 1908, p. 152).

Os trabalhos também poderiam ser detalhados nos textos, indicando os materiais utilizados. Em 1910, os edifícios metálicos também da Praça Batista Campos foram “pintados a óleo e alumínio” (LEMOS, 1910, p. 80). Já em 1908, o relato de pintura nos fornece também informações sobre cores e texturas aplicadas na pintura do Pavilhão Euterpe: nas colunas há cores bronze e alumínio, alvaiade de zinco no forro exterior, zarcão nas molduras e tintas simulando granito na superfície exterior da base de alvenaria (LEMOS, 1909).

Algumas partes não metálicas – elementos integrados à arquitetura – foram substituídas ainda dentro desse período, como forro e revestimento de piso. Os pisos dos pavilhões menores da Praça Batista Campos foram trocados por “mosaico polychromico” em 1904 (LEMOS, 1905, p. 225). Já em 1907, justificada pela deterioração causada pela ação das chuvas, aconteceu a substituição do forro do Pavilhão Primeiro de Dezembro (LEMOS, 1908).

Alterações consideráveis foram feitas na estrutura metálica do Pavilhão Euterpe. Como reparo, uma armação de ferro foi inserida em sua

cúpula no ano de 1906 (LEMOS, 1907). Mudanças mais extensas ocorreram dois anos depois (em conjunto com os tratamentos de superfície descritos anteriormente) e foram denominadas “reconstruções” nos relatórios de Lemos. O procedimento consistiu na substituição da cobertura metálica por telhas de fibrocimento e do forro anterior por outro feito de régua de madeira de 10 cm (LEMOS, 1909).

A partir de 1930, percebe-se que as intervenções realizadas nesses edifícios começaram a ser denominadas “restauro”. O relatório de Antônio Facióla, intendente da época, já usa a palavra para designar a modalidade de atuação sobre os coretos da praça Batista Campos e Praça da República. Para o primeiro parque, indica que “[...] pavilhões, pontes e caramanchões foram restaurados e pintados” (FACIÓLA, 1930, p. 107). Sobre o segundo, mencionando o Parque João Coelho, uma parte da praça, descreve que, em vista do estado ruim de conservação, os pavilhões foram restaurados (FACIÓLA, 1930).

Mudanças indiretas também foram percebidas, visto que os coretos fazem parte de parques vastos e complexos e, conseqüentemente, se integram a diversos elementos. Chafarizes, lagos, pontes, passeios, esculturas e luminárias, entre outros itens de mobiliário urbano, compõem o cenário desses lugares e caracterizam suas paisagens. Comumente, a vegetação e o paisagismo são diretamente associados a essas pequenas construções, além de serem algumas das características mais fortes desses jardins.

A diferença mais perceptível acerca da massa vegetal é a diminuição de seu porte ou volume. Em geral, os canteiros circundantes apresentavam paisagismo mais elaborado nos seus anos iniciais. Como a iconografia abrange melhor os maiores exemplares – Pavilhões Euterpe, Santa Helena Magno, Primeiro de Dezembro e General Magalhães –, é por meio de seus registros que essa alteração é percebida. O inverso acontece excepcionalmente na praça General Magalhães, que recebeu uma área verde mais intensa.

Ainda relacionado ao entorno desses edifícios, nota-se que enquanto os exemplares da Praça da República e Batista Campos estão inseridos em locais de grande fluxo de pessoas, o mesmo não acontece com o da Praça General Magalhães. Nos anos 1940, o lugar era descrito como “um dos mais belos logradouros da cidade”, “ponto de *footing* e diversões” (PARÁ ILUSTRADO, 1943, p. 2), contrastando com a rara presença da população nesse logradouro no presente.

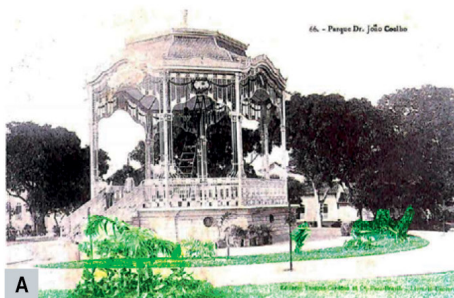
Ao lado dessa praça, construiu-se um parque urbano, parte do Projeto de Desenvolvimento Urbano Belém Porto Futuro, inaugurado em 2020. Entretanto, o novo lugar não se integrou à área de lazer histórica, limitando um dos lados da praça com uma grande área de estacionamento totalmente cercada. Esse projeto, de fato, acentuou o isolamento e, conseqüentemente, eliminou uma possibilidade de uso do espaço arquitetônico. Esse é mais um aspecto da barreira de acesso e de relação com as áreas vizinhas que o empreendimento desconsiderou (ARRUDA *et al.*, 2021) (Figura 3).

Figura 3

Alteração na arborização circundante: diminuição de volume ou simplificação de paisagismo destacado em verde e aumento de massa vegetal destacado em cinza. Fontes: A e B: PARÁ, 1998; C: PARÁ ILUSTRADO, 1943; D, E, F; elaborado pelas autoras.

Século XX

2022



Pavilhão Santa Helena Magno



Pavilhão Primeiro de Dezembro



Coreto General Magalhães

No âmbito da produção de conhecimento, reconhece-se que a arquitetura de ferro em Belém vem sendo pesquisada nas últimas décadas. Nos anos 1990, tivemos pesquisas de destaque como as desenvolvidas por Jussara Derenji, que abrangeram, entre outras edificações, os coretos. No entanto, as intervenções recentes ainda têm sido embasadas em um conhecimento insuficiente das informações contidas nos pavilhões musicais – em especial, dos seus aspectos construtivos e tecnológicos específicos.

A despeito desse fato, as reformas continuam a ocorrer periodicamente. A renovação das camadas de revestimentos é, ainda hoje, elementar e regular na conservação e restauro dos coretos de ferro. Esse é também o procedimento interventivo mais identificável por ser mais suscetível à observação visual, tendo em vista a dificuldade de acesso e/ou pouca difusão dos procedimentos realizados nessas edificações desde o final do século XX.

Desse período, datam perdas, substituições e refazimentos de elementos registrados em fotografias e/ou descritas brevemente em documentos. Um exemplo ilustrativo é o Pavilhão Primeiro de Dezembro, que, em 1981, possuía lacunas no lugar dos seus característicos cines de cobertura. As peças foram refeitas entre 1983 e 1985, em meio à intervenção urbana realizada pela prefeitura e coordenada pelo arquiteto Paulo Chaves Fernandes – ações que, inclusive, abrangeram a revitalização integral da Praça da República e da Praça Batista Campos (BOZZO, 1989). O processo de perda e adição pode ser observado na Figura 4.

Os novos elementos do pavilhão central da Praça Batista Campos permanecem até hoje. Quando comparados a fotografias do início do século XX, é perceptível que as peças não se aproximam de réplicas, pois há uma clara alteração de forma e função – já que as antigas provavelmente funcionavam como condutores de águas pluviais. Ademais, também não se configuram como uma adição inédita, já que tentam reproduzir as proporções e formas das partes anteriores. Além desses, outros detalhes se perderam, porém, mantiveram os lugares vazios.

Soluções de cunho prático também foram adotadas na adaptação dos coretos a novos usos. No caso dos Pavilhões Euterpe e Santa Helena Magno, localizados na Praça da República, seus porões se tornaram banheiros públicos. Em vista dessa nova função, além das esperadas mudanças na configuração interna dos compartimentos, houve – apenas no primeiro – a adição de guarda-corpos metálicos na entrada, instalados a partir dos anos 2000.

Figura 4

O refazimento dos cisnes da cobertura do Pavilhão Primeiro de Dezembro.

A: Início do Século XX, com os elementos originais;

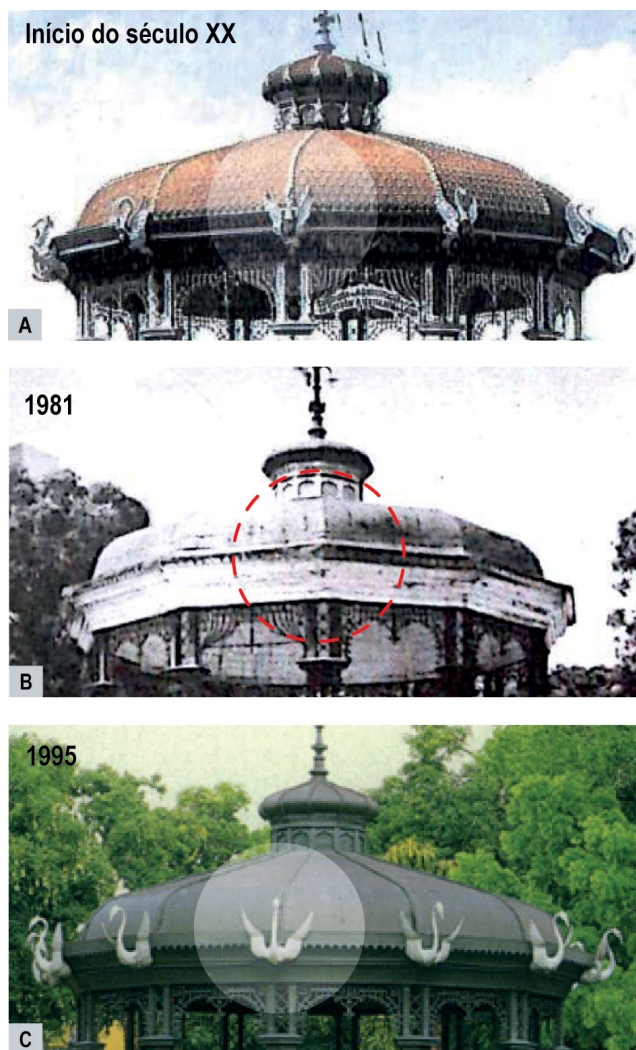
B: As lacunas em 1981; C: Os novos elementos em 1995.

Fontes:

A: PARÁ, 1998;

B: SILVA, 1986;

C: GOMES, 1995.



Entre 2017 e 2021, todos os coretos de ferro passaram por intervenções integradas às reformas gerais dos parques onde se encontram. O estado de conservação ruim das edificações, em decorrência dos avançados processos de alteração em conjunto com ações antrópicas, foi consideravelmente divulgado, principalmente pelos meios de comunicação. Como exemplo dessa situação, após se encontrar bastante deteriorado, o Pavilhão Primeiro de Dezembro foi restaurado em 2020, sofrendo o descarte de várias peças metálicas: lambrequins e lâminas de cobertura (Figura 5).

Figura 5

Intervenção e descarte de peças da cobertura do Pavilhão Primeiro de Dezembro, 2020.
Fonte: elaborado pelas autoras.



1- Lambrequins; 2- Lâminas de cobertura.

A descaracterização foi uma consequência direta de todos os tipos de acontecimentos descritos previamente. Várias partes dessas edificações não são mais como eram no momento de sua concepção, contudo as transformações mais extensas ocorreram nas coberturas. Acompanhando a evolução por meio da iconografia, existem notáveis diferenças em textura, volumetria e ornamentação. Os elementos perdidos, substituídos ou completamente modificados causaram um grande efeito na composição arquitetônica desses coretos. Essa transformação está destacada na Figura 6. As mudanças desfiguraram e tornaram quase irreconhecível o coreto da Praça General Magalhães. É relevante destacar que a cidade de Bragança, também localizada no Estado do Pará, possui um coreto de mesmo modelo. As características arquitetônicas do Pavilhão Senador Lemos se encontram bem preservadas, permitindo identificar o que o exemplar da capital já foi

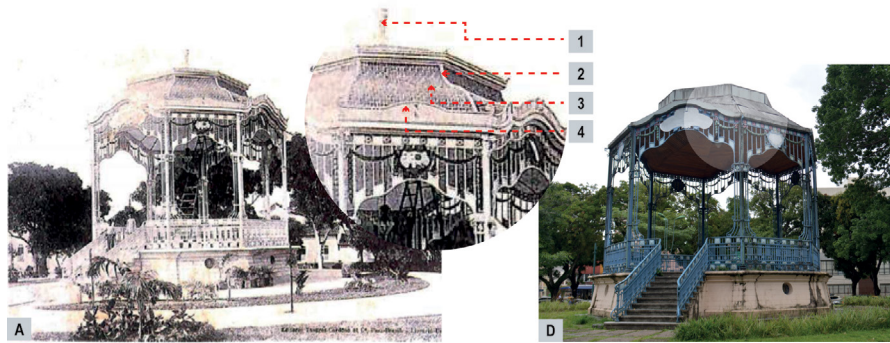
um dia. A partir da comparação entre eles, nota-se a perda e descaracterização de elementos inteiros: guarda-corpos de escada, ornamentos e cobertura (Figura 7). O tratamento das duas estruturas ao longo da história foi evidentemente discrepante e, assim, fornece-nos indícios da importância dos meios e contextos nos quais os bens culturais estão inseridos.

Figura 6

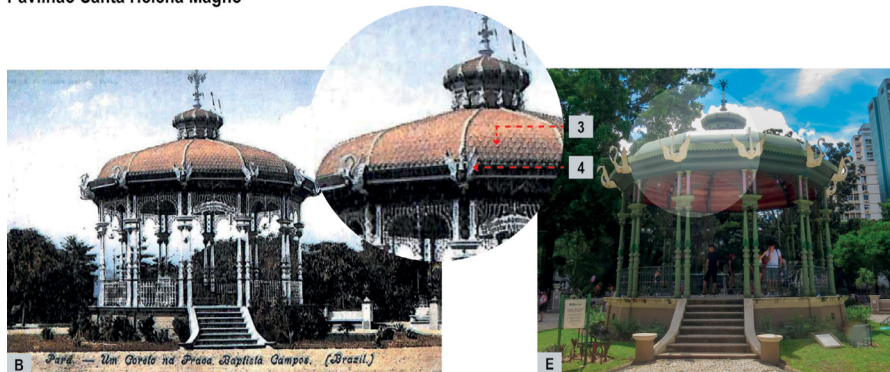
Início do Século XX

2022

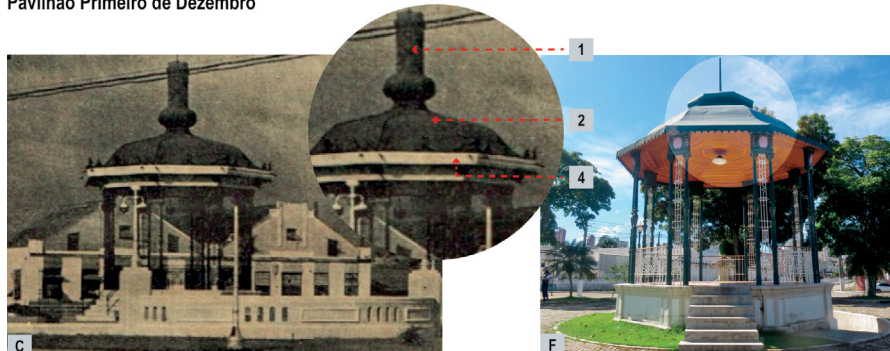
A descaracterização das coberturas em volume, textura e ornamentação. Fontes: A e B: PARÁ, 1998; C: PARÁ ILUSTRADO, 1943; D, E, F: elaborado pelas autoras.



Pavilhão Santa Helena Magno



Pavilhão Primeiro de Dezembro



Coreto General Magalhães

1- Pináculo perdido
3- Alteração de textura nas placas metálicas

2- Alteração de volumetria geral
4- Ornamentação perdida/substituída

Figura 7

Alterações nos coretos de modelo semelhante. Coreto General Magalhães (A) e Pavilhão Senador Lemos (B), 2022. Fontes: elaborado pelas autoras.



3.1 Variação cromática

É importante perceber que as renovações de revestimentos implicaram na alteração cromática dos coretos através das épocas. No início do século XX, imagens mostram que tons claros predominavam no Pavilhão Santa Helena Magno e Primeiro de Dezembro, enquanto uma combinação de cores mais vibrantes existia nas superfícies do Pavilhão Euterpe - de acordo com postais pintados que poderiam ou não ilustrar as cores fidedignamente. Pouco é encontrado em fotos ou documentos sobre os momentos iniciais dos outros quatro coretos menores da Praça Batista Campos, tornando essa informação indisponível. A partir das duas últimas décadas do século XX, quando todos os coretos já estavam instalados na cidade, nota-se que ocorreu uma certa unificação de cores dos exemplares utilizando-se tons de verde. Uma leve mudança ocorreu após o período de transição para os anos 2000, quando passaram a exibir variações da cor verde – afastando-se de características monocromáticas – com pequenos detalhes coloridos em branco, lilás ou amarelo. Essa transformação se deu diferentemente no Pavilhão Santa Helena Magno, que era azul nos anos 90, encontrava-se verde em 2010 e voltou a ser azul nesses últimos anos (Figura 8).

Figura 8

Varição cromática nos maiores e mais antigos coretos.

Fontes:

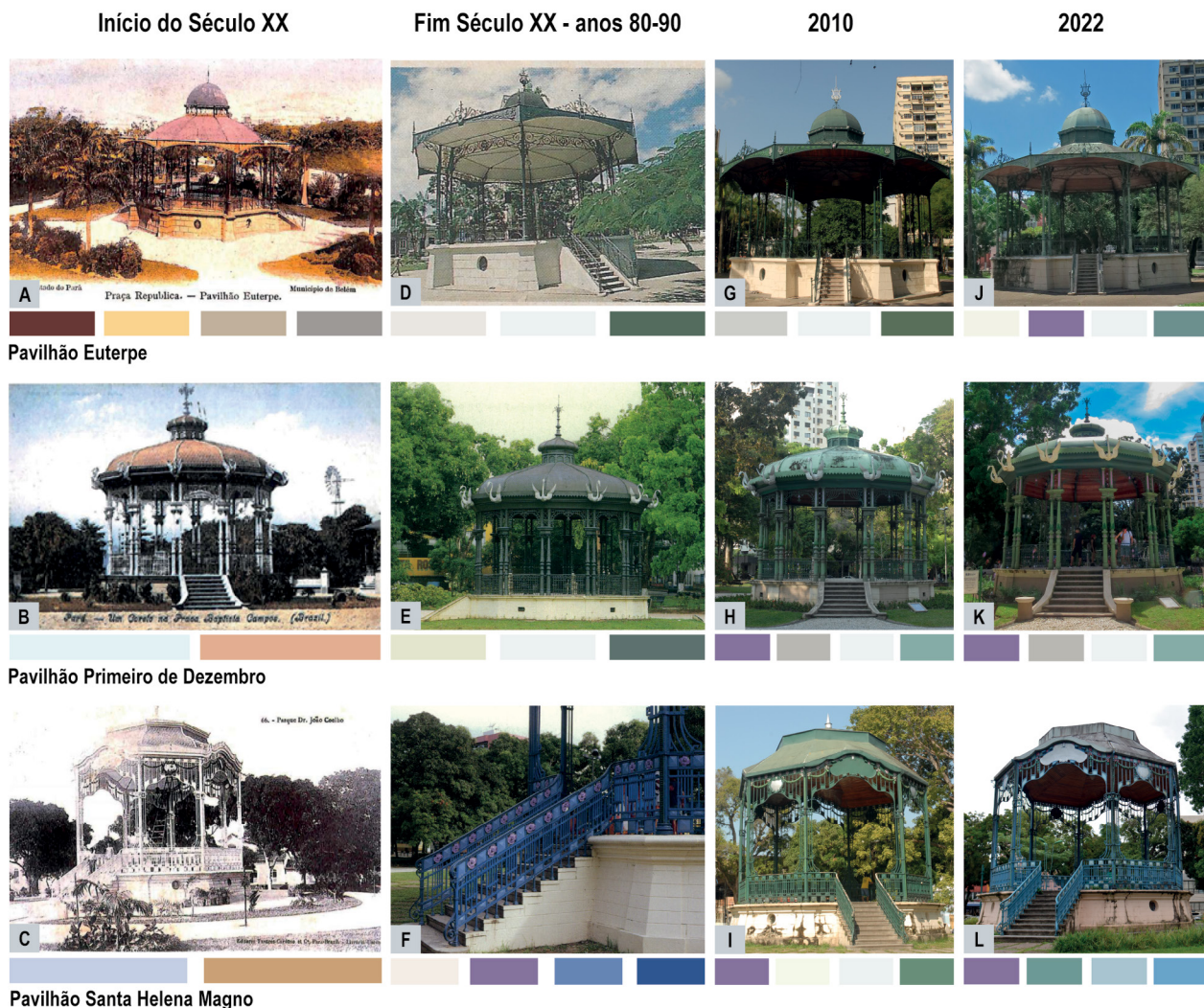
A, B, C: PARÁ, 1998;

D: Revista AU, 1989;

E, F: GOMES, 1995;

G, H, I: IPHAN, 2010;

J, K, L: elaborado pelas autoras.



3.2 Alteração de uso

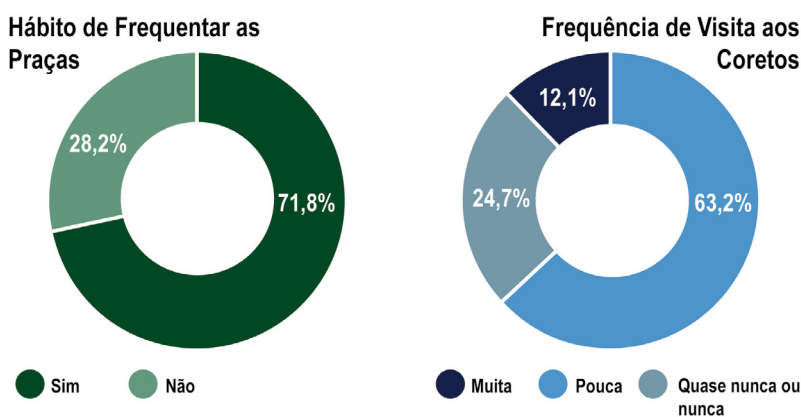
Outro aspecto a considerar é a função ou utilidade – característica intrínseca de espaços arquitetônicos – dos coretos através das épocas. Logo que chegaram eram utilizados para promover entretenimento musical, o único uso citado em documentos. Os eventos mais recorrentes nos relatórios são os desenvolvidos na Praça Batista Campos. Os concertos marcaram datas especiais, como a inauguração do Pavilhão Primeiro de Dezembro, em 1904, mas também foram regulares, com apresentações da banda do

Corpo Municipal de Bombeiros e do Regimento Militar nas tardes e noites de domingo (LEMOS, 1905; 1906).

A banda do Corpo Municipal de Bombeiros também se exibia nos outros pavilhões de música da cidade, embora não sejam mencionados especificamente nos relatos de Antônio Lemos (LEMOS, 1909). As apresentações parecem ter perdurado por anos, pois são mencionadas novamente pelo intendente Facióla em 1930. Em seu discurso, o intendente se refere aos concertos ocorridos na Praça da República como meios de diversão e de educação através do que entendia como boa música (FACIÓLA, 1930).

No cenário atual, percebe-se que existe diferença entre frequentar as praças e frequentar os coretos, o que repercute na faceta utilitária dessas edificações. Nas entrevistas, quando perguntadas sobre as visitas aos parques, 71,8% das pessoas indicaram que possuem esse hábito. Apesar disso, a frequência de utilização dos coretos não é equivalente; dos entrevistados, 63,2% descrevem a assiduidade da frequência como pouca, 24,7%, quase nunca ou nunca e 12,1%, muita (Gráfico 1).

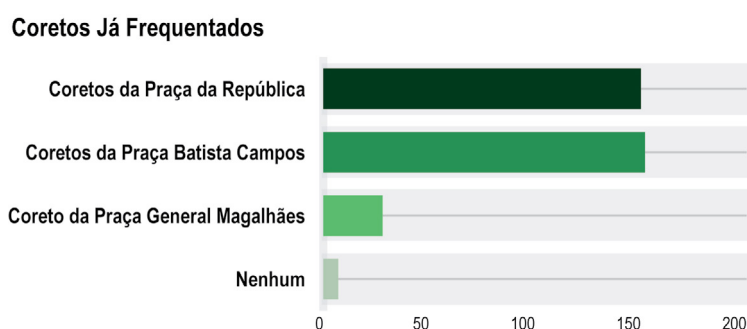
Gráfico 1
Frequência de visita às praças e coretos.
Fonte: elaborado pelas autoras.



Um outro indicativo de utilização surge especificamente nos coretos que alguma vez já foram frequentados. É relevante indicar que, no questionário, as opções de resposta a essa pergunta agruparam os exemplares por suas respectivas praças. Desse modo, os mais utilizados são os da Praça Batista Campos seguidos, com pouca diferença, pelos da Praça da República.

Em último está a visitação do exemplar da Praça General Magalhães, que apresenta discrepância em uso. Houve, ainda, entrevistados que não haviam visitado nenhum deles (Gráfico 2).

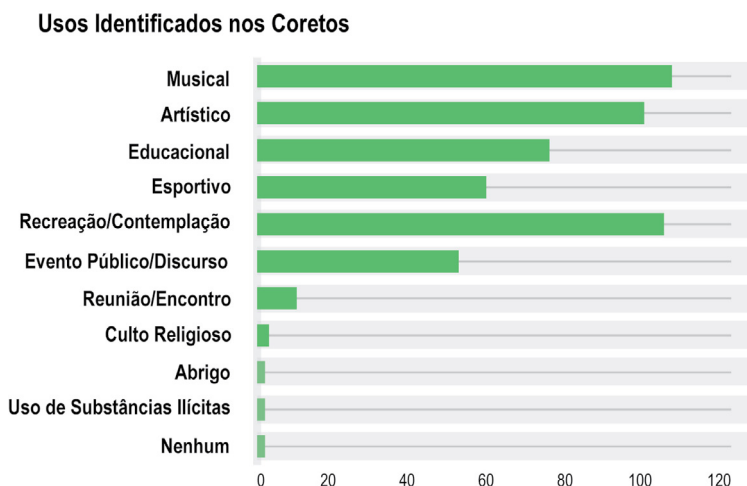
Gráfico 2
Visitação dos
Coretos. Fonte:
elaborado pelas
autoras.



Funções musicais, artísticas e de recreação/contemplação são as mais percebidas ou desenvolvidas atualmente. Com relevância similar, há a utilidade educacional, esportiva e de suporte a eventos públicos e discursos. Outros usos variados também são realizados nesses espaços, como cultos religiosos, reuniões e abrigo de pessoas. Uma parcela muito pequena dos entrevistados não presenciou qualquer atividade nos coretos e, na mesma proporção, poucos testemunharam o preocupante uso de substâncias ilícitas dentro dos edifícios. Essa alteração de usos não oferece necessariamente risco à permanência dos coretos, tampouco provoca mudanças primariamente negativas. A mudança na interação entre as pessoas e tais edifícios pode ser atribuída às grandes transformações que ocorreram na sociedade no que tange a costumes/hábitos, tradições e ao advento de novas tecnologias, para citar alguns fatores. O fato de sua utilidade estar ligada a atividades não programadas, variadas, contemporâneas e, em sua maioria, adequadas é um bom indicativo do seu valor patrimonial. O pouco uso é que deve ser observado atentamente, especificamente no caso da estrutura da Praça General Magalhães (Gráfico 3).

Gráfico 3

Usos verificados nos coretos.
Fonte: elaborado pelas autoras.



3.3 Transformações de significados e valores

Para além das questões práticas envolvidas, os coretos sempre carregaram fortes significados e valores que justificaram sua importação e permanência. Surpreendentemente, esses sentimentos variaram primeiramente em razão dos locais: Europa, lugar de origem dos edifícios, e Brasil, um dos principais importadores de produtos siderúrgicos dos séculos XIX e XX. As visões sobre a arquitetura do ferro ocupavam lugares opostos entre esses países. Enquanto essa arquitetura era apenas tolerada e duramente criticada em países europeus, em terras brasileiras era amplamente aceita e celebrada (SILVA, 1986; GOMES, 1995; COSTA, 2001).

O simbolismo e valorização da arquitetura de importação refletiram o contexto brasileiro e os ideais da época. Aqui, construções do tipo representavam desejos de progresso, avanço tecnológico, modernização, civilização, sofisticação, prosperidade e equiparação com a Europa. De certa forma, podiam também ser admirados tão somente por sua origem e significado de status social elevado. Os coretos de ferro em específico eram muito apreciados esteticamente e motivo de grande orgulho para a população (SILVA, 1986; GOMES, 1995; COSTA, 2001).

Na Belém da *Belle Époque*, a arquitetura do ferro evocava os mesmos sentimentos e valores. Para se encaixar nos ideais da época, muitos esforços foram dedicados ao reordenamento e embelezamento da cidade. A renovação estética tinha “[...] o intuito de imprimir a esta capital uma aparência [sic] moderna” (LEMOS, 1904, p. 95-96). As ações incluíram as praças para onde os coretos foram importados; os edifícios eram apresentados com entusiasmo por suas características estéticas e acompanhados de adjetivos como elegantes, grandiosos, formosos e até mesmo chamados de obra de arte (LEMOS, 1905; 1906).

Passadas as décadas, os efeitos dessas edificações sobre a sociedade local continuam positivos. São consideradas, quase unanimemente, importantes componentes da paisagem e parte do patrimônio cultural. Os significados e valores históricos são os mais identificados pela população ouvida; assim como o contexto, modo de vida e costumes do período são reconhecidos, a história particular dos coretos também é distinguida. Justificativas baseadas em seus aspectos artísticos e arquitetônicos também são expressivas, destacando características próprias das edificações e os benefícios estéticos para as praças e cidade.

De fato, foi verificada a indissociabilidade entre os lugares e os coretos. A qualidade de marcos de paisagem, bem como de componentes dos conjuntos (praças) são apontados como determinantes na sua consideração como bens culturais. Os argumentos que se seguiram, em ordem quantitativa, foram pautados em valores e significados de uso, identidade/representatividade, afetivos/memoriais e simbólicos e tecnológicos.

Nos dados recolhidos foi intrigante verificar várias respostas que atribuem a significância cultural dos coretos unicamente por terem sido importados de países europeus. Em absoluto contraste, apesar de configurar uma única opinião destoante, a origem europeia foi utilizada para negar que os edifícios metálicos sejam parte do legado local – e do Brasil como consequência – a ser preservado, pois não há como produtos estrangeiros serem apropriados culturalmente pela sociedade belenense ou brasileira.

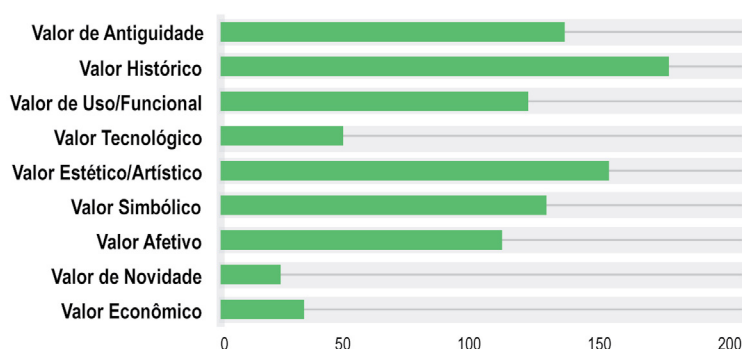
Nos questionários, os indivíduos também atribuíram os valores diretamente aos coretos. Uma lista foi determinada previamente, mas havia espaço para os entrevistados adicionarem outros se julgassem necessário. Com algumas variações, verificou-se certa correspondência quantitativa das justificativas à

determinação como patrimônio cultural com a seleção dos valores listados. Assim, temos o valor histórico como protagonista novamente, além do reconhecimento dos valores econômicos, de antiguidade e novidade (Gráfico 4).

Gráfico 4

Valores atribuídos aos coretos
Fonte: elaborado pelas autoras.

Valores Atribuídos aos Coretos



Como um desenvolvimento à parte, o reconhecimento institucional dos coretos iniciou-se indiretamente após os anos 1960. O processo se deu primeiramente em 1963, a nível federal, para a Praça Batista Campos e Praça da República, por estarem inseridas na área de entorno de bens tombados – o Cemitério de Nossa Senhora da Soledade e o Teatro da Paz, respectivamente. Em 1983, o conjunto das praças foi tombado a nível estadual. A Praça General Magalhães recebeu proteção do estado por estar dentro da área de entorno de preservação de bens imóveis tombados pelo Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural (DPHAC/SECULT), definido em 1990.

A proteção municipal ocorreu pouco depois, de 1993 a 1994, com a delimitação do centro histórico de Belém e da área de entorno, que abrange todos os oito coretos nos seus limites. A salvaguarda federal foi estabelecida tardiamente em 2012, por determinação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), dessa vez por compor o conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico dos bairros Cidade Velha e Campina ou por estar inserido no entorno de bens imóveis tombados – deixando de

fora a Praça General Magalhães. Até o momento, nenhum dos exemplares foi individualmente tombado.

O panorama percorrido aponta a dinamicidade presente na trajetória dos pavilhões musicais metálicos, percebida tanto no campo físico e material quanto no de significados e valores. Essas modificações e evoluções resultaram da interação entre fatores naturais e culturais que, por sua vez, apresentam consequências e geram complexos desafios de preservação. Por essas razões, os assuntos relacionados às transformações e à permanência dessas edificações devem ser discutidos e solucionados apropriadamente, dentro do campo destinado à conservação e restauração de bens culturais.

4 O PERCURSO DOS CORETOS DE FERRO E A TEORIA DA CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO

Os coretos são representantes excepcionais da arquitetura do ferro, do mobiliário urbano histórico e do ecletismo – emergidos no período do desenvolvimento industrial. De fato, a vinculação a esses processos pode ser tomada como o ponto de partida da compreensão dos coretos como objeto de conservação, dado que ao patrimônio industrial e às manifestações arquitetônicas características desse período pertencem os edifícios pré-fabricados (KÜHL, 2008).

A preservação do legado industrial é abordada em documentos e acordos internacionais, como a *Carta de Nizhny Tagil* (TICCIH, 2003), os *Princípios de Dublin* (ICOMOS; TICCIH, 2011) e a *Carta de Sevilha* (TICCIH, 2018) – desenvolvidos ou acordados pelo International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH) e International Council on Monuments and Sites (ICOMOS). Os textos, entretanto, se limitam a reconhecer edifícios dedicados a atividades industriais – e não os que são produtos de seus métodos – e propõem recomendações gerais de preservação em concordância com a Carta de Veneza.

Esses documentos conceituam, enfatizam a importância e incentivam o estudo da herança da industrialização. No entanto, não oferecem embasamento a situações específicas encontradas no tratamento da arquitetura do ferro. Ainda assim, a reflexão insuficiente sobre os princípios teóricos na prática da preservação de bens culturais da era industrial observada por Kühl (2008), realidade também dos coretos metálicos, não se justifica.

Uma vez que a consolidação da restauração como campo disciplinar vem de longa data, está à disposição um grande aporte teórico que requer apenas esforços de interpretação crítica para contemplarem a diversidade de objetos culturais que se agregam, ainda segundo a autora.

A exemplo, o princípio da distinguibilidade é claramente desrespeitado no caso dos cisnes acrescentados no lugar dos elementos faltantes do Pavilhão Primeiro de Dezembro. Essa é a adição mais perceptível que se mescla com as partes originais do coreto e que pode ser interpretada erroneamente em termos históricos e artísticos. Segundo as recomendações da *Carta de Veneza* (ICOMOS, 1964) e de teóricos do restauro, como Brandi (2005), essas integrações não deveriam confundir-se com elementos e materiais preexistentes ou falsificar o monumento como documento, ainda que para recuperar a unidade potencial do bem cultural.

Por outro lado, na concepção de González Moreno-Navarro (1999), a lacuna pode ser considerada um falso arquitetônico. Por isso, para o autor, completá-las é uma maneira de devolver ao monumento sua autenticidade, desde que a adição manifeste por meio de formas e texturas o momento histórico a que pertence. No entanto, não há como definir se as semelhanças com os cisnes anteriores foram intencionadas para mascarar a cronologia das adicionadas posteriormente ou se as sutis diferenças resultaram de uma tentativa genuína de inserir-se no ciclo criativo arquitetônico – sendo a primeira postura condenável e a segunda legítima para o teórico.

Em todo caso, a substituição ou descarte excessivo de elementos prejudica significativamente a autenticidade dos coretos. Nas intervenções mais recentes ainda há um forte indicativo desse descaso visto gravemente nas coberturas – já extremamente alteradas e continuamente modificadas. Vê-se que o respeito à matéria original, fundamento essencial da operação de restauro (ICOMOS, 1964), é pouco atendido. E, mesmo que a autenticidade não seja determinada apenas pela originalidade material, considera-se o prejuízo causado às dimensões essenciais desses monumentos, que perdem progressivamente atributos arquitetônicos marcantes (GONZÁLEZ MORENO-NAVARRO, 1999).

Com esses breves, mas ilustrativos exemplos, constata-se que o tratamento contemporâneo dos coretos não se diferencia substancialmente das práticas passadas a ponto de atender satisfatoriamente à conotação cultural

adicionada a eles. Nesse quesito, as intervenções não acompanharam as mudanças de significados e valores que acontecem a partir dos indivíduos que utilizam assiduamente o bem cultural e desenvolvem diferentes tipos de relações com ele (APAYDIN, 2018). Esse valor simbólico, apesar da pouca consideração percebida através das épocas, é um dos principais motivos da conservação da arquitetura do ferro no Brasil (COSTA, 2011).

Essas edificações são mantidas em contraste com o que comumente acontece com o mobiliário urbano de ferro histórico no cenário europeu: substituição ou remoção quando considerados obsoletos (SOFFRITTI *et al.*, 2020). Como observado, a desmontagem afetou pontualmente os coretos de Belém, não sendo uma ameaça atual para os que permaneceram. Assim, é possível exibir com clareza as posturas contrastantes entre os países de origem desses elementos e a comunidade local em relação ao mesmo tipo de bem cultural. Podemos atribuir isso ao fato de que as transformações mantiveram sentimentos favoráveis à permanência dessas estruturas durante todo o percurso de suas histórias.

Os objetos de conservação são definidos como tal, antes de tudo, por seus diferentes significados para um ou mais grupos de pessoas. A análise sociológica é, portanto, de extrema importância e frequentemente determinante no planejamento das atuações. Para o restauro cumprir seu objetivo, isto é, reter, melhorar ou potencializar os significados que comunicam para a coletividade (VIÑAS, 2005; GONZÁLEZ MORENO-NAVARRO, 1999), é necessário que as futuras intervenções feitas nesses apreciados edifícios considerem o entorno social com a devida importância.

Isso significa que os valores históricos e artísticos, sendo os mais intensos segundo as respostas dos questionários, devem guiar as ações práticas de preservação dos coretos. Na concepção de Riegl (2014), esses valores os tornam monumentos históricos cuja importância está no seu aspecto documental. Fazem-nos também representantes de uma época – especificamente do ecletismo, da arquitetura do ferro, de um período local, nacional e mundial, dos avanços da indústria e de evoluções tecnológicas – e conseqüentemente detentores de informações úteis para as ciências e artes, de acordo com Viñas (2005).

Dessa maneira, o desenvolvimento de uma análise profunda das diferentes características dos coretos ainda precisa ser realizado. A atuação não deve preceder a obtenção do devido conhecimento, como acontece até o momento

(GONZÁLEZ MORENO-NAVARRO, 1999). Todos os aspectos demandam investigações adequadas, contudo é crucial realçar a importância do valor tecnológico, ainda que pouco percebido pelas pessoas. Ao investigar essa característica dos coretos, reconhecemos o grande potencial do patrimônio industrial como registro de progressos técnicos de âmbito mundial (LIU *et al.*, 2018).

Desde Brandi (2005), a importância da consistência física e do conhecimento da matéria no momento prático do restauro é salientada. A abordagem científica da materialidade dos coretos, até então inexplorada, pode auxiliar a tomada de decisões técnicas (VIÑAS, 2005). Considerando as especificidades dos coretos, informações sobre suas ligas metálicas, processos de alteração e revestimentos são, sem dúvida, úteis para futuras intervenções. A partir da análise desses dados, formam-se as bases para a elaboração de peças de substituição e próteses, definição do tratamento de superfícies e escolha de métodos de emenda e inserção de partes – fragmentadas ou novas (PALÁCIOS *et al.*, 2014).

Outro lado desse mesmo assunto remete à maior intensidade de significados em objetos de conservação cuja matéria é original (VIÑAS, 2005). Isto posto, a cadeia de consequências – evidente no histórico dessas estruturas –, que consiste na falta de manutenção adequada, seguida por estágios avançados de deterioração e descarte abundante de peças que culminam na descaracterização dos exemplares, são mutilações que diminuem progressivamente o valor histórico de cada um desses edifícios (RIEGL, 2014).

Para atenuar esse problema, é crucial implementar a manutenção permanente (ICOMOS, 1964). Ademais, no que concerne ao descarte indiscriminado, o acervo de coretos de Belém ilustra como a recuperação de elementos deteriorados é um dos campos da restauração da arquitetura do ferro no Brasil que precisa ser mais bem desenvolvido. Por essa razão, é necessário realizar pesquisas que providenciem subsídios para a restauração de peças no lugar de removê-las e substituí-las por outras feitas com materiais completamente diferentes (PALÁCIOS *et al.*, 2014).

Nas intervenções realizadas através das décadas, também é perceptível um certo nível de padronização de tratamento, ação que se opõe ao princípio basilar de que cada restauração é um caso particular (BRANDI, 2005). De certo modo, essa questão pode estar relacionada à serialidade, característica dos processos de produção da época (SILVA, 1986), que tende a diminuir o

valor patrimonial de bens da era industrial e a refletir na desconsideração de suas individualidades, tratando-os como meras cópias.

Certamente, as oito estruturas possuem características próprias e de diferentes naturezas – mesmo as que são frutos da repetição de modelos. Viñas (2005) chama atenção para o fato de que é extremamente improvável produzir objetos idênticos, ainda que por meio de técnicas industriais precisas. Adiciona também que as diferentes condições de exposição influenciam diretamente a evolução de cada um desses objetos. As diferenças entre o Coreto General Magalhães de Belém e o Pavilhão Senador Lemos de Bragança exemplificam perfeitamente esse argumento e embasam a conclusão de que, de fato, cada um dos coretos é único.

Ao analisar a frequente renovação de pintura, vê-se outro valor surgir, dessa vez atrelado à preferência de integralidade de cor e forma – o valor de novidade que Riegl (2014) preconizou. No entanto, na realidade amazônica em que o ferro está inserido, a periodicidade desse procedimento visa também manter eficiente sua importante camada protetiva. Para o material, os produtos de corrosão e as falhas de revestimento em metais ferrosos são sinônimos de destruição iminente, além de esteticamente desagradáveis (PALÁCIOS *et al.*, 2014; 2021). Por essa razão, conservar os resultados dos processos de alteração é inviável, pois, além de configurarem uma ameaça à permanência, impõem-se negativamente sobre a sua imagem como bem cultural (BRANDI, 2005).

Estreitamente ligada à pintura, a diversidade de cores sempre possuiu forte apelo estético nos coretos (GOMES, 1995). Acompanhando as alterações, observa-se que as estruturas possuíam cores variadas em seus primeiros momentos enquanto, atualmente, ocorre quase uma unificação de tons entre os exemplares. Como acontece com a arquitetura de ferro em geral, essa variação pode ser resultado dos gostos dos períodos, que pouco tende a preservar a policromia (GOMES, 1995). No entanto, para futuras intervenções, seria proveitoso que essas camadas fossem estudadas tanto para efeito de documentação como para fortalecer os valores simbólicos, se possível.

Tão relevante quanto o que já foi abordado é a utilização desses espaços. Gomes (1995) afirma que os coretos de ferro, além de servirem como ornamentação, foram lugares centrais de vida social nas suas praças. Ainda segundo o autor, poucos trouxeram a função musical para

a atualidade – e Belém não foi uma exceção à realidade brasileira. Apesar de ser o mais citado entre os usos percebidos, as atividades ligadas à música não são as que mais ocorrem no presente. Essa utilidade, característica forte desses espaços de múltiplo uso, tende a ser ignorada, a exemplo de quando acontecem eventos para os quais outras estruturas provisórias são montadas – fato observado pelos entrevistados.

No lugar de eventos planejados, temos a grande incidência de atividades variadas e espontâneas. Contudo a indeterminação de função pode abrir precedentes à má utilização ou para que qualquer uso possa ser aceito em detrimento do cunho patrimonial dos pavilhões musicais – postura contrária ao seu valor cultural amplamente reconhecido. Para que utilizações equivocadas e prejudiciais não ocorram, é necessário o incentivo do uso consciente e principalmente proporcionar o retorno do entretenimento planejado com alguma regularidade – especialmente no que se refere ao exemplar da Praça General Magalhães, que se encontra altamente alienado da população.

Não há dúvidas de que o uso é o melhor meio de sobrevivência de monumentos arquitetônicos (GONZÁLEZ MORENO-NAVARRO, 1999), então não é prudente restringir os coretos disto, apenas adequá-lo e incentivá-lo para beneficiar a sua preservação. Dessa maneira, é necessário que haja uma relação recíproca entre os usuários e os agentes de preservação. Os indivíduos, de acordo com o valor de utilidade de Riegl (2014), precisam ter seu bem-estar garantido no momento do uso – o que implica a exigência de boas condições de conservação e manutenção dos edifícios. Por outro lado, é também dever da sociedade melhor respeitar a sua própria herança, observação feita pela maioria das pessoas ouvidas.

Perceptivelmente, os coretos de ferro são notáveis e amplamente celebrados como símbolo de épocas e contextos passados. É igualmente consenso entre a população que essas estruturas precisam de intervenções que reflitam e respeitem as suas cargas significativas e que se distanciem de ações puramente práticas. Nas observações feitas pelos usuários, verifica-se ainda o apelo pela manutenção periódica, educação patrimonial, incentivo ao uso e tombamento individual. Dessa forma, vemos que a arquitetura do ferro e suas mais estimadas tipologias, apesar dos efeitos positivos, não está isenta de desafios de preservação práticos ou teóricos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Legado dos dois séculos passados, os pavilhões harmônicos de ferro de Belém possuem uma história rica que abrange amplos contextos históricos, sociais, artísticos, arquitetônicos e tecnológicos. A chegada ao presente desses edifícios como objetos de conservação suscita atenção às suas transformações – em aspectos físicos e subjetivos – e à sua percepção atual pela sociedade, que está relacionada à atribuição de valores e significados. A reflexão desses desenvolvimentos dentro da teoria da restauração, com vistas a criar subsídios de conservação, foi o objetivo deste estudo.

Ao traçar a evolução de posturas, procedimentos, usos e significados, foi possível atestar que a preservação dos coretos metálicos tem sido embasada em uma reflexão teórica insuficiente. Considerando os desafios enfrentados para assegurar a permanência dos coretos e as decisões tomadas frente a eles, percebe-se uma clara delimitação entre intervenções representativas de pensamentos preservacionistas passados e resoluções mais recentes partidas de agentes que não compreendem ou consideram devidamente os preceitos do campo da conservação e restauração. A atuação sobre eles também continua a ocorrer em detrimento da simbologia cultural que possuem para a sociedade, que só agora foi efetivamente escutada.

A reafirmação do interesse patrimonial e o reconhecimento preciso dos significados e valores desses edifícios, identificados a partir deste estudo, poderá agregar positivamente na definição de objetivos de intervenções futuras. A análise desse percurso histórico também contribuiu para salientar que, para assegurar uma preservação benéfica à população afetada, é imperativo proceder à adequação da atuação prática. Ainda é preciso que se considerem as particularidades intrínsecas à conservação e restauro do patrimônio edificado em ferro, utilizando-se métodos e técnicas fundamentados cientificamente a fim de não recorrer a soluções imediatistas e possivelmente prejudiciais.

As observações feitas nessa pesquisa foram baseadas, em parte considerável, em mudanças facilmente perceptíveis visualmente. O acesso à documentação ou relatórios das intervenções realizadas, principalmente as que ocorreram após o reconhecimento patrimonial, poderiam ser de grande ajuda para essa reflexão – no entanto, os registros inexistem ou não estão facilmente disponíveis. O refinamento dos dados da opinião pública também pode ser feito futuramente utilizando meios de comunicação mais abrangentes.

A análise social e teórica é um dos passos para melhorar a dimensão simbólica e as condições de permanência desses estimados marcos de paisagem. Ainda é essencial que esse conhecimento seja complementado, dando continuidade às pesquisas tecnológicas por meio do desenvolvimento da análise física, química e mineralógica de seus materiais e processos de alterações. A partir disso, poderão ser elaboradas diretrizes de conservação e restauro que contemplem tanto as demandas materiais quanto subjetivas. Essa ampla compreensão indubitavelmente subsidia não só a preservação do conjunto de coretos de ferro de Belém, mas também auxilia a trazer à luz questões que envolvem a preservação da arquitetura do ferro como um todo.

REFERÊNCIAS

- APAYDIN, Veysel. The entanglement of the heritage paradigm: values, meanings and uses. *International Journal of Heritage Studies*, v. 24, n. 5, p. 491-507, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/13527258.2017.1390488>.
- ARRUDA, M. E. I.; LUCAS, A. T.; DOEBELI, L. S. Integração global e dissociação local: uma análise temporal do planejamento de GPDUs por meio dos projetos Estação das Docas e Belém Porto Futuro. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 23, E202113, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202113>.
- BOZZO, Cláudia. Preservar patrimônio ou renovar: nos caminhos de Belém. *Revista AU*, São Paulo, n. 23, p. 74-73, maio 1989.
- BRANDI, Cesare. *Teoria da restauração*. Tradução de Beatriz Mugayar Kühl. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2005.
- COELHO, Geraldo Mártires. Belém e a belle époque da borracha. *Revista Observatório*, v. 2, n. 5, p. 32-56, set./dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n5p32>. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/2891>. Acesso em: 24 jul. 2023.
- COSTA, Cacilda Teixeira da. *O sonho e a técnica: a arquitetura de ferro no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.
- DOBRSZCZYK, Paul. Victorian market halls, ornamental iron and civic intent. *Architectural History*, v. 55, p. 173-197, 2012. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/43489719>. Acesso em: 24 jul. 2023.
- FACÍOLA, Antônio de Almeida. *Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém em sessão solene de 20 de maio de 1930*. Belém, 1930.
- GOMES, Geraldo. Artistic intentions in iron architecture. *The Journal of Decorative and Propaganda Arts*, v. 21, p. 86-107, 1995. DOI: <https://doi.org/10.2307/1504133>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1504133>. Acesso em: 24 jul. 2023.
- GONZÁLEZ MORENO-NAVARRO, Antoni. *La restauración objetiva (método SCCM de restauración monumental)*: memoria SPAL 1993-1998. 3. ed. Barcelona: Diputación de Barcelona. Área de Cooperación. Servicio de Patrimonio Arquitectónico Local, 1999.

HIGGS, Malcolm. The exported iron buildings of Andrew Handyside & Co. of Derby. *Journal of the Society of Architectural Historians*, v. 29, n. 2, p. 175-180, may, 1970.

INTERNATIONAL COUNCIL ON MONUMENTS AND SITES (ICOMOS). *International charter for the conservation and restoration of monuments and sites (The Venice Charter 1964)*. Veneza, 1964. Disponível em: https://www.icomos.org/charters/venice_e.pdf. Acesso em: 3 ago. 2022.

INTERNATIONAL COUNCIL ON MONUMENTS AND SITES - INTERNATIONAL COMMITTEE FOR THE CONSERVATION OF THE INDUSTRIAL HERITAGE. *Joint ICOMOS – TICCIH Principles for the conservation of industrial heritage sites, structures, areas and landscapes - The Dublin Principles*. Paris: 2011. Disponível em: https://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/10/GA2011_ICOMOS_TICCIH_joint_principles_EN_FR_final_20120110.pdf. Acesso em: 18 jul. 2022.

KÜHL, Beatriz Mugayar. *Arquitetura do ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo: reflexões sobre a sua preservação*. São Paulo: Ateliê, 1998.

KÜHL, Beatriz Mugayar. *Preservação do patrimônio da industrialização: problemas teóricos de restauro*. São Paulo: Ateliê, 2008.

LEMOS, Antônio José de. *O município de Belém*. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém capital do Pará referente à 1897-1902. Belém, 1902.

LEMOS, Antônio José de. *O município de Belém*. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém capital do Pará referente à 1903. Belém, 1904.

LEMOS, Antônio José de. *O município de Belém*. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém capital do Pará referente à 1904. Belém, 1905.

LEMOS, Antônio José de. *O município de Belém*. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém capital do Pará referente à 1905. Belém, 1906.

LEMOS, Antônio José de. *O município de Belém*. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém capital do Pará referente à 1906. Belém, 1907.

LEMOS, Antônio José de. *O município de Belém*. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém capital do Pará referente à 1907. Belém, 1908.

LEMOS, Antônio José de. *O município de Belém*. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém capital do Pará referente à 1908. Belém, 1909.

LEMOS, Antônio José de. *Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na 1ª sessão da 3ª reunião ordinária da 8ª legislatura em 1 de junho de 1910*. Belém, 1910.

LISTER, Raymond. *Decorative Cast Ironwork in Great Britain*. Londres: G. Bell and Sons, 1960.

LIU, Fuying; ZHAO, Qi; YANG, Yulan. An approach to assess the value of industrial heritage based on Dempster-Shafer theory. *Journal of Cultural Heritage*, v. 32, p. 210-220, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.culher.2018.01.011>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S129620741730523X>. Acesso em: 24 jul. 2023.

PALÁCIOS, F. O.; ALMEIDA, Y. S. de; RAIOL, M. C. S.; MORAES, Y. C. Da Escócia à Amazônia: os dutos verticais metálicos da fábrica escocesa W. McFarlane & Co. nas fachadas do Centro Histórico de Belém, Pará, Brasil. *Anais Do Museu Paulista*, v. 29, p. 1-26, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-02672021v29e46>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/ZcSb7XzxHZxxHFhbZQzDWPM/?lang=pt>. Acesso em: 24 jul. 2023.

PALÁCIOS, F. O.; ANGÉLICA, R. S.; SANJAD, T. A. B. C. The metal alloys from the XIX century and weathering action in the Mercado do Ver-o-Peso building, northern Brazil: Identification with the usage of laboratory analysis. *Materials Characterization*, v. 96, p. 225-233, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.matchar.2014.08.004>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1044580314002459?via%3Dihub>. Acesso em: 24 jul. 2023.

PARÁ ILUSTRADO. Belém, 1943.

PARÁ. Governo do Estado. *Belém da saudade: a memória da Belém do início do século em cartões-postais*. 2. ed. Belém: Secult, 1998.

PARÁ. Governador (1901-1909: A. Montenegro). *Album da festa das creanças: descrições e fotografias*, 7 de setembro de 1905. Estado do Pará. Paris: Aillaud, [19--].

PARÁ. Interventor Federal (1938-1942: J. C. Gama Malcher). *Álbum do Pará*. Belém: H. Rodrigues, 1939.

RACALBUTO, Bruno. *Les kiosques a musique de la ville de geneve: etude historique et architecturale*. Genebra: Ville de Genève, Conservation du Patrimoine Architectural, 2005.

RIEGL, Alois. *O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem*. Tradução: Werner Rothschild Davidsohn e Anat Falbel. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ROCQUE, Carlos. O velho largo de Nazaré. *A Província do Pará*. Belém, 13 abril 1997. Memória, p. 6.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a belle époque (1870-1912)*. 3. ed. Belém: Paka-Tatu, 2010.

SILVA, Geraldo Gomes da. *Arquitetura do ferro no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1986.

SOFRITTI, C.; CALZOLARI, L.; CHICCA, M.; NERI, R. B.; NERI, A.; BAZZOCCHI, L.; GARAGNANI, G. L. Cast iron street furniture: a historical review. *Endeavour*, v. 44, n. 3, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.endeavour.2020.100721>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160932720300387?via%3Dihub>. Acesso em: 24 jul. 2023.

THE INTERNATIONAL COMMITTEE FOR THE CONSERVATION OF THE INDUSTRIAL HERITAGE – TICCIH. *Sevilla charter of industrial heritage*. The challenges of the 21st century. Sevilla: 2018. Disponível em: <https://ticcih.org/wp-content/uploads/2019/03/Carta-de-Sevilla-de-Patrimonio-Industrial-febrero-2019.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2022.

THE INTERNATIONAL COMMITTEE FOR THE CONSERVATION OF THE INDUSTRIAL HERITAGE – TICCIH. *The Nizhny Tagil charter for the industrial heritage*. Nizhny Tagil: 2003. Disponível em: <https://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilCharter.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2022.

VIÑAS, Salvador Muñoz. *Contemporary theory of conservation*. Oxford: Elsevier Butterworth-Heinemann, 2005.

VOLPATO, Gilson Luiz. *Método lógico para redação científica*. Botucatu: Best Writting, 2011.

